

## UMA DOSE DE “GÊNERO” COM BASTANTE GELO!

**Rafaella de Sousa Silva<sup>1</sup>**

Universidade Federal de Campina Grande – UFCG  
Lela\_cubati@yahoo.com.br

A proposta desse texto *esta* aberta e movente. Tratar-se-á de sondar a categoria gênero tomada em uma historicidade (re)construída. Aqui sem pretensão de definir e/ou conceituar soluções, buscamos desnaturalizar alguns espaços discursivos, em “intercâmbio” com as teorias em Butler, Donna Haraway, Lipovetsky e “outros” – que ao longo do texto tomarão visibilidade – ditos pós-estruturalistas por trabalharem gênero enquanto uma categoria negociável, (in)constante e “fictícia”, com *efeito* de quebra em qualquer discurso “unívoco-nativista”. Traremos um tema “duro” que não está apenas no campo das idéias, que também, não somente após uma “boa dose”, bambeia entre o discursivo e o não-discursivo. A saber, quando o *alcoolismo*, prática sócio-cultural, age como *nódoa* que *borra, apaga, desmancha* as fronteiras e os espaços cautelosamente construídos – quando não *reforça* – para delimitar o jogo binário dos sexos, no gênero, assim como, das (id)entidades que os sujeitos devem enquadrar-se e atender, buscando evitar o “vexamento”, a exclusão ou a construção esterior-tipificada de uma anormalidade forjada pelos/nos discursos, pretensiosamente, reguladores.

Uma leitura – grosso modo – ensaísta, que se permite a transdisciplinaridade salientando, que trabalhar gênero enquanto uma categoria, um constructo, requer pensar outros tantos lugares, significantes e significados, que trazem um signo sempre inacabado (parafraseando Derrida) e propenso a questionabilidade. E mais, trata-se de um tema<sup>2</sup> não digo “inédito”, entretanto, de difícil visibilidade a historiografia atual, e merecedor de um olhar sensível ao “problema”. É nesse esquentar das fomalhas que preparo o prato a servir de “tira-gosto” nessa roda de conversa que a partir de agora se embriaga em *uma boa dose de “gênero” com bastante gelo*.

---

<sup>1</sup> Sou graduada em História pela Universidade Federal de Campina Grande – PB; Especialista em Educação Básica pela Faculdade Integrada de Patos (FIP-PB) e professora de História nas redes Estadual e Municipal de Ensino Fundamental e Médio na cidade de Cubati – PB.

<sup>2</sup> Refiro-me a categoria gênero estudada em co-relação ao alcoolismo.

Terça, 19/04/2011, a Rede Globo de televisão exibe o programa “Profissão Repórter<sup>3</sup>”, tomando por matéria o tema “alcoolismo entre os jovens brasileiros”, dividido em três episódios que, versavam por investigar, vasculhar e entrevistar jovens entre 13 e 25 anos, frequentadores de uma Universidade paulista, da noite em Porto Alegre, assim como, de uma festa de Peão de boiadeiro em Bragança Paulista<sup>4</sup>.

Essa apresentação do “estudo *em caso*”, serviu como pano de fundo em nossa tentativa de dissecar as reportagens, efeito-colagem, imagens, cenas, risos, choros, embriaguez, edições de textos, espaços e sujeitos que nos propomos repensar tendo “gênero” como eixo discursivo na narrativa, que *está* em negociação constante e *intercâmbio* com leituras sobre raça, classe, etnia e identidades, nos *perceptos* (novas maneiras de ver e escutar) e *afectos* (novas maneiras de sentir) que a convivência vem denotando.

Para tanto, traremos falas, gestos, performances<sup>5</sup> e (não)lugares que foram explorados imagético-discursivamente para produção de uma leitura negativa e frustrante dos jovens brasileiros “*que esvaziam garrafas e mais garrafas, vão a noite e não conseguem se divertir, vão a uma festa de peão e necessitam de 40 atendimentos em menos de 20 minutos no posto médico, bebendo cada vez mais cedo e cada vez mais*” em fala dirigida ao telespectador na abertura e apresentação do programa.

Os cenários projetados, os sujeitos procurados, as imagens surpresas – mas editadas, cortadas, revisadas – merecem uma atenção especial. Salientando que o objetivo do presente texto, não *está* pensar o *alcoolismo*, suas bifurcações, estudos, números e conclusões do fenômeno em cenário nacional – não que seja desnecessário ou desinteressante – mas busco aqui, apenas refletir o impacto das exibições dessas reportagens, em (re)arranjos familiares, (re)definições de gênero, (des)territorializações

---

<sup>3</sup> Programa exibido às terças-feiras pela Rede Globo de televisão em algumas temporadas - sensacional(istas?) - trabalha pelos “bastidores frente às câmaras”, envolvendo um jogo jornalístico que busca se apresentar como “inovador”. ver: G1.com.br/profissaoreporter.

<sup>4</sup> Por mais soltas e generalizantes que pareçam *está* sendo a apresentação dos lugares e dos sujeitos visibilizados e entrevistados pelo programa já citado; trataremos esses espaços nas denominações “usadas” pelos repórteres e edição exibida na data já citada no texto. Desde já, denuncio que senti falta de um maior aprofundamento do tema, reconhecendo outros lugares sociais e identidades performáticas que os sujeitos entrevistados, assim como, os que ficaram de fora e frequentam tais lugares se forjam e identificam. Ocasionalmente uma apresentação talvez unívoca e generalizante “do alcoolismo entre os jovens brasileiros”, em especial nos espaços citados.

<sup>5</sup> Para um aprofundamento em leituras sobre o caráter performático do gênero, buscar: BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**, tradução: Renato Aguiar. \_ Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

ou (re)territorializações do público que recepçiona, interage e identifica-se, quando não o avesso; usando o que Elizabeth Ellsworth trás por “Modo de Endereçamento”<sup>6</sup>.

Em outras palavras, nos reapropriamos do “Modo de Endereçamento”, para pensar um contexto específico, a saber, o programa “Profissão Repórter”, agindo como um veículo de comunicação de impacto nos dias atuais (não só) na casa de muitos brasileiros, ao tratar o “alcoolismo entre jovens”. Onde buscamos nas frechas e fissuras deixadas pelos/nos sujeitos narrados na “telinha”, as complexas elasticidades no (des)contínuo cotidiano; por vezes, fábrica de conceitos tendenciosos a estério-tipos construídos na/pela subjetividade dos (não)sujeitos, reflexos de uma Modernidade fadada a tentar delimitar, dar unicidade, trabalhar nos “ismos” naturalizantes que buscam essencializar os sujeitos. E para tanto, como propõe Massumi, somos corpos fragmentados;

Fraturado, tudo. Todo passo cai em um vazio. Assim que acabamos de ter uma unidade, ela se torna uma dualidade. Assim que temos uma dualidade, ela se torna uma multiplicidade. Assim que temos uma multiplicidade, ela se torna uma proliferação de fissuras que convergem em um vazio... Em si mesmo, o evento tem apenas extinção. Seu sucesso é sua evaporação na infinita interação de seus agitados componentes... O ser é fractal. (Massumi, 1992, p. 19-21)

Vamos às reportagens, ao momento em que a repórter Gabriela Lian<sup>7</sup> aborda uma “catadora de lixo” ao catar latinhas em frente a uma Universidade de São Paulo<sup>8</sup>;

- O espaço é bom para trabalhar?
- E como, se eles estudassem o tanto quanto bebem já estavam formados a tempo (responde ela enquanto estala os dedos). *As menina é pior*,

---

<sup>6</sup> Elizabeth Ellsworth trabalha conceitos sempre abertos e dialogais, e “Modo de Endereçamento” é um deles, onde a autora busca trabalhar como os textos audiovisuais cinematográficos são carregados de intencionalidades, que não jogam conteúdo em uma folha em branco, pois estão em constante negociação com o telespectador, que projeta, identifica-se e inclusive nega e exclui o que não lhe é interessante. Para mais buscar: ELLSWORTH, Elizabeth. “Modo de Endereçamento: uma coisa de cinema, uma coisa de educação também”. In: **Nunca fomos Humanos: nos rastros do sujeito/** organização e tradução de Tomaz Tadeu da Silva – Belo Horizonte: Autêntica, 2001. P. 7-76.

<sup>7</sup> Assim como citei Gabriela Lian, todos os demais repórteres citados em texto são correspondentes do Programa Profissão Repórter e participaram da edição exibida no dia 19/04/2011.

<sup>8</sup> Em momento algum a reportagem cita o nome da Universidade, apenas que é uma Instituição paulista.

*porque antigamente as menina reclamava que os homi bebia demais, agora elas tão bebendo ao contrário*<sup>9</sup> (grifo nosso).

Como aquela fala “feliz” pelas latinhas se mostrava “assustada” com as mudanças visíveis, nos permitindo aproximarmo-nos dos usos feitos por *uma* leitura binária do gênero<sup>10</sup>, que busca “delimitá-lo” em curso na história, no desenrolar mesmo da discursividade astuta, capaz de fazer-se entender por natural, por quase pré-existente. Onde percebemos os “cômodos” espaços delimitados para um *ser* homem que apenas *está* homem, um *ser* mulher que apenas *está* mulher, e os papéis sociais que esses devem atender para serem inclusos, registrados e assistidos nas redes de saberes-poderes que Foucault (1998) se adentrou de forma complexa e perspicaz.

E como não perceber, em universo televisivo – mas não somente neste – essa necessidade constante de chamar atenção do telespectador para as cenas de “barbárie” entre os jovens brasileiros? Além disso, como não sentir o horror que gritava a tela vendo *meninas* bêbadas? E também nisso há toda uma releitura dos espaços, dos sujeitos, cada episódio mais triste e desinteressante. Afinal, o que *meninas-mulheres* fazem em espaços públicos ritualisticamente “imitando”<sup>11</sup> os *homens*?

Vamos aos “comerciais” com Butler (2003), quando teoriza que a subjetividade nas práticas cotidianas faz-se na repetição de performances<sup>12</sup> resultantes de discursos reguladores anteriores a própria existência do sujeito, da sexualidade à raça. “O gênero é a estilização repetida do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura reguladora altamente rígida, a qual se cristaliza no tempo para produzir a aparência de uma substância, de uma classe natural de ser” (Butler, P. 59).

---

<sup>9</sup> Como já sinalizado, utilizaremos apenas as informações de identificação citadas pelo programa. Sendo assim, “catadora de lixo” foi à única identificação dirigida ao público por parte do programa “Profissão Repórter, na noite de 19/04/2011. Para assistir ver: G1.com.br/profissaoreporter.

<sup>10</sup> Para uma clara e rica discussão da categoria gênero por um viés de questionabilidade no curso da história do próprio movimento feminista e para além deste, buscar também: PEDRO, Joana Maria. **Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica.** História, São Paulo, v.24, n.1, P.77-98, 2005.

<sup>11</sup> Quanto à idéia de “imitação”, performatividade e efeito parodístico, entendemos, o que Butler coloca como sendo um efeito de relações cotidianas e negociadas nas práticas sócio-culturais.

<sup>12</sup> E essa percepção em Butler ainda visa um sujeito que age em performatividade em um contexto específico. Para além da referida autora, aqui entra em cena Donna Haraway, que tem na construção do neologismo *ciborgue* (CIB - cibernético; ORG – organismo) aquele que não precisa atender repetir ou ser; pois não *somos*, talvez nem *estejamos* humanos na lógica moderna, centrada, homogenia que a Modernidade tentou cristalizar em suas metanarrativas. *Estamos* ultrapassados e dissolvidos em “eus” tecnológicos e nossas relações pós-modernas.

Reabrem aqui outros episódios, cenas de *meninas* que vomitam calçadas emergidas na embriaguez, *meninos* “descentrados” que vão de encontro à “ordem e progresso” em “permissividade” e desobediência (as leis do trânsito, as ordens paternas...). E o que isso significa? Esses re-arranjos culturais se preocupam em significar algo para as instituições que o cercam, que é parte? Esses corpos “errantes” *estariam* preocupados em atender alguma “verdade” sobre o corpo, suas performances e usos? Coloca BURITI (2000. P. 1);

A sociedade está incorporando novas territorialidades sentimentais e a maneira como macho e fêmea se tocam, se apresentam e se seduzem não faz mais sentido. Homem e Mulher estão sendo vividos no corpo de um jeito, cuja linguagem apenas começa a se esboçar. Isso tem deixado homens e mulheres desorientados e sozinhos.

Seria a aceitação ou a negação desses novos territórios que trazem esse terror e essa solidão? Existiria mesmo antes desse hibridismo veloz e indizível que vivemos essa leitura dicotômica e não desorientada de homem *versus* mulher guetificados? Não faltaria aqui uma sensibilidade mais aberta e a florada a perceber que esses papéis são tão ficcionais quanto os discursos que buscam naturalizá-los? Isso estaria reforçando uma visão negativa das metamorfoses transeuntes das quais – não só assistimos, mas – fazemos partes. Nessa direção Serres (1994, p. 200) aponta uma questão importante;

Quem somos? A intersecção, flutuante em função da duração, dessa variedade, numerosa e muito singular, de gêneros diferentes. Não deixamos de coser e tecer nossa própria capa de Arlequim, tão matizada ou tão disparatadamente colorida quanto nosso mapa genético. Não tem sentido, pois, defender com unhas e dentes um de nossos pertencimentos; o que se deve, ao contrário, é multiplicá-los, para enriquecer a flexibilidade. Façamos fartalhar ao vento ou dançar como chama a bandeira multicolor do mapa-documento de identidade.

Remontando algumas partes do programa “Profissão Repórter”, trabalhamos as cenas e entrevista em que o repórter Caco Barcelos se aproxima de um jovem, ao qual não se divulga o nome e “borrassse” o rosto por ter apenas 15 anos, em uma festa de boiadeiro, onde, iniciando o diálogo o repórter questiona;

– Você está passando mal?

– Sim, não tô (sic) muito bem, bebi pra me aproximar das meninas, é que os jovens de hoje querem chegar mais loucos na festa, e eu admito isso porque cheguei muito louco na festa.

Após esse primeiro contato, Barcelos negocia poder ir à casa do rapaz, pega o endereço, e como combinado aparece pela manhã e é recepcionado pelo pai que aparentemente fica surpreso, pedi-o para entrar e inicia uma conversa sem a presença do jovem que já saíra para beber com amigos. Caco Barcelos pergunta;

– O senhor sabia que ele bebe assim?

Enquanto senta lentamente ao sofá o pai responde;

– sim, que *normalmente* nessa idade se faz isso eu fazia também então.

– Com que idade o senhor começou?

– Com 15 anos agente começa a tomar um pouco de álcool.

Em seguida, entra na sala a madrasta do rapaz inicialmente entrevistado com sua *filha*, uma adolescente também de 15 anos que declara gostar de beber, seu nome é Renata. Concomitantemente o repórter aproveitou para estabelecer diálogo com Renata;

– Você bebe?

– Bebo sim, até ficar feliz, tontinha assim, eu paro.

– Qual o volume para te deixar feliz? Lata ou garrafa?

– Lata.

– Mais de sete?

– (sorrindo diz) por aí...

– Quem bebe mais você ou ele?

– Eu, ele bebe mais tranquilo que eu.

Enquanto isso, a mãe sorri e o repórter de forma enfática, questiona a forma que a mãe trata a situação;

– Você ouvi isso sorrindo?

– Chorar não adiante né (sic)? Não é assim, agente tem um relacionamento aberto, oriento bastante, não bebi muito, o ideal seria não beber; mas tu vai controlar um adolescente não beber se não tiver junto?

No cenário da sala, sujeitos conversavam sobre um mundo talvez “novo”, talvez “diferente” aos olhos do repórter (apenas dele?), isso emergia em gestos e falas de

inconformismo que não sabia se maior por estar frente a uma adolescência embriagante – que diferente da que vivenciou é – “permissiva”, ou ainda, de uma “feminilidade” desejada no “conceito” re-criado pela Modernidade que reservava à mulher o privado, já perdida nos exóticos drinques que se seguem. E o rapaz entrevistado inicialmente, quando narra ao repórter que bebe para conseguir ser o baluarte, o protagonista da conquista na noite, o que ele reforça? Quais as relações de gênero que operacionaliza?

Aquilo que um pouco antes chamamos de “Modo de Endereçamento” foi criado inicialmente para o constructo cinematográfico, entretanto, encontramos serventia nessa leitura referente à discursividade imagética, suas projeções, recepções, reapropriações e usos. Sendo assim, a quem se endereça os discursos naturalizantes que buscam neutralizar a “transgressão” do ato de beber? Não seria à leitura da vida sendo julgada mediante o *crash* do atendimento às normas e dispositivos do/no constructo cultural modernizante? “Em suma, a desconstrução afirma a desestabilização em movimento que abre o (lugar do) sujeito àquilo que é inteiramente outro” (Doel, 2001, P. 95). A redefinição ou a própria negação em si de uma ideia de corpo, pretensamente orgânico, limitado, natural, é uma forma de fissura, nódoa, burla, intencional e bem vinda ao nosso propósito (para além do alcoolismo, por uma liberdade do/no corpo, quanto à sexualidade e demais espaços em vigilância que buscam desautorizar o próprio desejo, mantenhamo-nos *indefiníveis*).

Estamos em *contingência* ao perceber a bulinação causada pelas reportagens-textos que tratam a constante frequência da embriaguez e do consumo, já não mais hierárquica-estática consolidada para com o *homem-macho-universal-poderoso*, sujeito único da prática social de consumismo alcoólico tanto em festas, quanto no dia-a-dia. Daí, como esses *perceptos* e *afectos* estão sendo experiencializados? Como essa situacionalidade da *mulher* que *está* sendo *homem* na embriaguez desse mundo público está reproduzindo desconforto ao “casulo-protetor”<sup>13</sup>? Onde *está* a mulher e o homem “à moda antiga”, ritualisticamente construídos, para serem vivenciados sob o julgo de um projeto moderno de corpo? Esse desencontro estaria provocando desconforto ou permitindo a flexibilidade das mais variadas escolhas?

---

<sup>13</sup> Uma leitura sensível as reconfigurações dos sentimentos nas relações sócio-afetivas que experienciamos está em: GIDDENS, Anthony. **Modernidade e Identidade** / tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

Lipovetsky analisa a movência do feminismo no que denominou a “Terceira Mulher”, como provocadora de uma (des)estabilização; de um novo territorialamento que deve e necessita ser trabalhado para além do negativismo, das leituras “eclesiásticas” de fim de mundo, “mundo virado”, ou qualquer outro dito construído em um saudosismo fantasioso de lugares “paradisíacos” e “seguros”, onde “a” família perfeita, “a” mulher perfeita e “o” homem perfeito viviam na harmonia de um mundo sem defeitos.

Agarrar-se a certas leituras *inventadas* nos/pelos discursos na Modernidade, com intenções unívocas, “dóceis”, estilisticamente rotinizadas, para além de desejar o talvez nunca existente, recai na negação de um multiculturalismo recheado e movente, acalorado pela constante conjugação e intercâmbio do tecido relacional. Espaço rico de arquiteturas sedutoras, chamadas sedutoras que a imagem de um “eu” normal e estanque termina “enfeando” em uma multiplicidade de atividades e julgamentos.

Potencializando a visibilidade dos chamados “transgressores”, seja a lésbica, o gay, o bissexual, o travesti, o louco, a “não-mãe”, a “não-moça-de-casar”, a *bêbada*... O cruzar e/ou viver na/pela fronteira, no performatismo ou para além no hibridismo; é que o contexto necessário a compreensão da teoria *Queer*, que se aglutina ao campo pós-estruturalista para pensar uma política pós-identitária encontra-se fértil. Espaço fertilizado para problematizar os lugares sociais reservados, delimitados, normatizados, rotulados; mas também negados, burlados e dobrados, parafraseando Deleuze (1992. P. 195).

Aparecer ou permanecer no *closet*? Essa questão era uma premissa para participar das emergentes políticas identitárias em movimentos homossexuais na década de 1970. Teria tal questão sido re-feita a partir das políticas e movimentos feministas? Estariam possíveis respostas a tais questões causando um alvoroço imensurável nas (des)construções dos papéis, identidades e identificações<sup>14</sup>?

E assim, nos deparamos com finais das cenas e reportagens da noite, e como elas chamam atenção para um número indizível em palavras quanto à apresentação de alguns, a exemplo de Aline, que sai do “*closet*”, deixa a “casa desarrumada”, se nega ao lugar privado que a Modernidade e seus *ranços* insistem em reforçar, esbanjando de

---

<sup>14</sup> Uma leitura que contribui de forma mais didática para relação entre os processos de construção dos papéis, identidades e identificações sociais, sensível as diferenças entre esses encontra-se em: HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. 3º ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 1999.

forma “parodística”, copos e mais copos de cerveja em um ponto de encontro para curtidão improvisado em frente de um Campus Universitário em São Paulo.

Vejamos; como *está* a dose de gênero com gelo? O gelo vem derretendo e mesclando novos gostos? Vem quebrando o gosto definível da bebida “pura”, se é que essa tivera existência? Logo, brindemos e vejamos os *efeitos* das questões que se seguem feitas pela repórter Paula Akemi a estudante de Educação Física Aline Fernanda Pinheiro;

- Por que você acha que quando falei de consumo excessivo com amigos seus, logo lembraram você?
- A não sei, porque sou divertida, brincalhona e gosto de beber acho.
- Com quem você mora?
- Eu moro com meu irmão, só nos dois.
- O que teu irmão fala quando você chega assim alterada?
- A última vez ele deu um rala bem danado pra mim, pra eu nunca mais fazer isso.

Cortando um pouco o diálogo, a câmara focaliza *meninas* que passam mal na calçada, mostrando uma série de efeitos de cortes, imagens e cenas de adolescentes embriagadas pelo “meio-fio”. Ao voltar para Aline já se tratava de um reencontro, segunda noite, e a repórter retoma perguntando;

- Eaê como tá hoje?
- Segundo copo, tá tudo tranquilo, é água.

Ao lado um jovem de 19 anos chamado por “Neymar” toma um litro de aguardente como água, chamando a atenção da repórter Paula Akemi que o aborda sobre uma mensagem escrita em sua blusa: “*fui tomar juízo... Mas só tinha vodka*”. Percebem a necessidade de por em evidência de forma generalizante um discurso de crise e conturbação mediante os jovens que transgridem uma (nunca) dada harmonia sócio- política e cultural? O interessante entre “Neymar” e Aline são as *interseções* de gostos, gestos, lugares, amigos, rituais, raça, classe e identidades que desnaturalizam qualquer dicotomia binária que tome gênero (um constructo sócio-cultural) como pré-estabelecido e polarizado, onde o “eu” sou o que “você” não é cai por terra, por não caber no discurso qualquer “entidade” unívoca entre “eu” e/ou “você”.

“Para ser o que agente é, agente deve ser o que agente não é – não aquela alma desprezada, rejeitada, ou abjeta. Assim, o tornar-se eu é copiar recorrente que tanto emula outros eu quanto difere deles” (Rose, 2001, P.187). E, para tanto, faz-se necessário aqui e agora, um *ato* “ecumênico” de transdisciplinaridade, sensível ao multiculturalismo, fazendo cair em desuso leituras binárias e ossificadas de gênero enquanto “natividade cultural”, certo de um *script* a seguir e uma rotina a cumprir, que por sua vez, rejeita, exclui, expurgua qualquer performance, desejo, vivência e toque que fuja de alguns “papéis”.

Acrescento, o texto-tal-como-produzido é diferente do texto-tal-como-lido. Espero, se assim não parecer muita pretensão, que o drinque exótico das cores discursivas pinceladas – como já dito antes – nesse ensaístico texto, venha a contribuir, em especial no campo educacional, para uma *outra* sensibilidade em dar-se ao múltiplo, movente e aberto jogo cultural que perpassa e “inventa” leituras de gênero. Pois, “o que importa, sempre, é dobrar, desdobrar, redobrar” (DELEUZE, 1992 a, p. 137).

## REFERÊNCIAS

- DELEUZE, Gilles. **Conversações**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.
- DOEL, Marcos. “Corpos sem órgãos: esquizoanálise e desconstrução. In: **Nunca fomos humanos - nos rastros do sujeito** / organização de Tomaz Tadeu da Silva – Belo Horizonte: Autêntica, 2001. P. 77-111.
- ELLSWORTH, Elizabeth. “Modos de Endereçamento: uma coisa de cinema; uma coisa de Educação também”. In: **Nunca fomos humanos - nos rastros do sujeito** / organização de Tomaz Tadeu da Silva – Belo Horizonte: Autêntica, 2001. P. 07-77.
- GIDDENS, Anthony. **Modernidade e Identidade** / Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.
- HARAWAY, Donna. “Manifesto Ciborgue: Ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In: **Antropologia do Ciborgue: as vertigens do pós-humano** / organização e tradução Tomaz Tadeu – 2.ed. – Belo Horizonte: Autêntica Editora. 2009.

LYPOVETSKY, Gilles. “A pós-mulher no lar”. In: **A Terceira Mulher: permanência e revolução do feminismo** / Tradução Maria Lucia Machado – São Paulo: Companhia das Letras, 2000. P. 201-259.

MASSUMI, B. A user’s guide to “capitalism and schizophrenia: deviations from Deleuze and Guattari. Londres: MIT Press, 1992.

OLIVEIRA, Iranilson Buriti de. **Rebolando com o magistério: O Professor e as Relações de Gênero no Período Modernista - um estudo de caso sobre Anayde Beiriz**. Mneme - Revista de Humanidades, Vol. 1, No 01 (2000)

PEDRO, Joana Maria. **Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica**. História, São Paulo, v.24, n.1, p.77-98 – 2005.

ROSE, Nikolas. “Inventando nossos eus. In: **Nunca fomos humanos - nos rastros do sujeito** / organização de Tomaz Tadeu da Silva – Belo Horizonte: Autêntica, 2001. P. 137-205.

SERRES, M. **Atlas**. Madri: Cátedra, 1995.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de Identidade: uma introdução as teorias de currículo**. São Paulo. Autêntica. 2002.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. 3º ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 1999.